VERITAS ANTIQUA
Revista de Arqueologia e Ciências Bíblicas

ISSN ????-????

O mito das "prostitutas cultuais": relatos de mulheres líderes de templos nas cidades de Corinto e Éfeso

Carina Oliveira Prestes[1]

Resumo: O presente artigo analisa o mito da prostituição sagrada no mundo greco-romano e propõe uma recontextualização socio-histórica das passagens do apóstolo Paulo sobre o silêncio e a submissão feminina nas igrejas de Corinto e Éfeso (1Co 14:34-35; 1Tm 2:11-13). A historiografia tradicional frequentemente utilizou a suposta prostituição de cultos pagãos para fundamentar tais passagens paulinas. No entanto, análises historiográficas e arqueológicas recentes apontam que essa prática se baseia em relatórios históricos imprecisos, sobretudo de Heródoto e Estrabão, e em equívocos de tradução do termo *hierodoule*. A partir da revisão metodológica de fontes primárias, inscrições epigráficas e evidências materiais, demonstra-se que as sacerdotisas greco-romanas não praticavam prostituição ritual, mas ocupavam posições de elevado prestígio, autonomia econômica, poder político e liderança pública. Conclui-se que o comando paulino ao silêncio feminino não visava conter um comportamento desonroso nem se respaldava na prostituição cultual, mas respondia ao contexto de cidades helenizadas onde o forte protagonismo das sacerdotisas de divindades femininas, como Afrodite e Artêmis, gerava uma autopercepção de superioridade social entre as mulheres recém-convertidas, exigindo a reafirmação de um modelo de mutualidade comunitária.

Palavras-chave: Corinto; Éfeso; Mulheres Cristãs; Liderança Feminina Cristã.

The Myth of 'Cultic Prostitutes': Accounts of Female Temple Leaders in the Cities of Corinth and Ephesus

Abstract: This article analyzes the myth of sacred prostitution in the Greco-Roman world and proposes a socio-historical recontextualization of the Apostle Paul's passages regarding female silence and submission in the churches of Corinth and Ephesus (1 Cor

[1] Doutora em Arqueologia do Novo Testamento pela Andrews University. Professora do Programa de Pós-Graduação em Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP) e Diretora do Museu de Arqueologia Bíblia (MAB/UNASP). E-mail: carinaprestes@gmail.com.

14:34–35; 1 Tim 2:11–13). Traditional historiography has frequently relied on the alleged practice of cultic prostitution to explain these Pauline texts. However, recent historiographical and archaeological scholarship indicates that this concept stems from inaccurate historical accounts, primarily those of Herodotus and Strabo, as well as mistranslations of the term *hierodoule*. Through a methodological review of primary sources, epigraphic inscriptions, and material evidence, this study demonstrates that Greco-Roman priestesses did not engage in ritual prostitution; rather, they held positions of high prestige, economic autonomy, political power, and public leadership. The study concludes that the Pauline instruction for female silence was not aimed at curbing dishonorable behavior or rooted in cultic prostitution, but was instead a response to the context of Hellenized cities where the strong prominence of priestesses of female deities (such as Aphrodite and Artemis) fostered a sense of social superiority among newly converted women, necessitating the reaffirmation of a model of community mutuality.

Keywords: Corinth; Ephesus; Christian Women; Female Christian Leadership.

El mito de las «prostitutas cúlticas»: relatos sobre mujeres líderes de templos en las ciudades de Corinto y Éfeso

Resumen: El presente artículo analiza el mito de la prostitución sagrada en el mundo grecorromano y propone una recontextualización sociohistórica de los pasajes del apóstol Pablo sobre el silencio y la sumisión femenina en las iglesias de Corinto y Éfeso (1 Co 14:34-35; 1 Tm 2:11-13). La historiografía tradicional ha recurrido con frecuencia a la supuesta prostitución de los cultos paganos para fundamentar tales pasajes paulinos. Sin embargo, investigaciones historiográficas y arqueológicas recientes señalan que esa práctica se basa en relatos históricos imprecisos, sobre todo de Heródoto y Estrabó, y en errores de traducción del término *hierodoule*. A partir de la revisión metodológica de fuentes primarias, inscripciones epigráficas y evidencia material, se demuestra que las sacerdotisas grecorromanas no practicaban la prostitución ritual, sino que ocupaban posiciones de elevado prestigio, autonomía económica, poder político y liderazgo público. Se concluye que la instrucción paulina sobre el silencio femenino no buscaba contener un comportamiento deshonroso ni se respaldaba en la prostitución cúltica, sino que respondía al contexto de ciudades helenizadas donde el fuerte protagonismo de las sacerdotisas de divinidades femeninas (como Afrodita y Artemisa) generaba una autopercepción de superioridad social entre las mujeres recién convertidas, exigiendo la reafirmación de un modelo de mutualidad comunitaria.

Palabras clave: Corinto; Éfeso; Mujeres Cristianas; Liderazgo Femenino Cristiano.

Submetido em: ??/??/????

Aprovado em: ??/??/????

DOI: https://doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe2056

INTRODUÇÃO

É amplamente aceita a ideia de que no mundo Greco-romano existia a prática de prostituição sagrada. Tal prática envolvia sacerdotisas que vendiam seus corpos como parte dos rituais de cultos pagãos ou para levantar recursos para o templo da divindade servida. Esta ideia é comumente usada para explicar algumas das passagens das cartas do apóstolo Paulo, nas quais ele recomenda o silêncio das mulheres na igreja e sua submissão aos maridos (1Co 14:3-4; 1Tm 2:11-12). A liderança feminina em ambientes religiosos, de acordo com alguns, era uma prática de cultos pagãos. Portanto, não deveria ser mantida no Cristianismo nascente, pois estava conectado tanto com paganismo como com prostituição e luxúria. Essas recomendações são para as comunidades em Corinto e Éfeso.

Essas cidades eram helenizadas e tinham sacerdotisas servindo às divindades dos templos locais. No entanto, pesquisas recentes têm questionado a veracidade de prostituição sagrada bem como o papel das sacerdotisas na sociedade do mundo Greco-romano. A arqueologia parece trazer mais informações sobre mulheres no mundo greco-romano. Tais informações têm o potencial de oferecer uma perspectiva diferente e mais precisa a essas passagens. Ideias errôneas, baseadas em filósofos gregos e traduções tendenciosas de textos antigos influenciaram a interpretação bíblica séculos atrás. Porém, a forma como essas informações chegaram até nós, as interpretações e traduções de textos antigos bem como as pressuposições que levaram à ideia da prostituição sagrada raramente são questionadas.

Com essa pesquisa pretende-se uma reconstrução do papel sociológico das sacerdotisas dos cultos pagãos no mundo greco-romano, especialmente em Corinto e Éfeso, de modo a contextualizar os textos paulinos. Essa será uma pesquisa bibliográfica e documental. Serão comparadas fontes primárias como escritos de autores antigos (Bíblia, Heródoto e Estrabão), inscrições e relatórios de escavações arqueológicas em seus respectivos contextos.

Com base no material analisado, é possível sugerir que a prostituição sagrada não é uma prática da antiguidade que pode ser observada de forma clara nos registros históricos e arqueológicos como um todo e em seus devidos contextos. Pelo contrário, sacerdotisas eram mulheres com grande status e credibilidade na sociedade, ao ponto de se verem como superiores aos homens comuns. Com base nesta análise, o estudo

levantará conclusões pertinentes à compreensão do papel feminino no contexto religioso, especialmente no que diz respeito às palavras de Paulo sobre o silêncio delas na igreja.

ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA

Como a história antiga chegou até nós hoje? As fontes históricas disponíveis hoje raramente são questionadas. Da mesma forma, as pressuposições que guiaram a transmissão do conhecimento tendem a permanecer sem serem mencionadas ou estudadas. Um certo evento que chegou a nós hoje como histórico pode ser baseado numa historiografia imprecisa ou tendenciosa; o que pode gerar a propagação de verdades parciais. Tal distorção, quando repetida por séculos, pode vir a ser considerada como fato.

Em se tratando da antiguidade, as imprecisões e distorções são ainda mais frequentes, devido à sua distância cronológica do leitor moderno. Esse distanciamento faz com que percamos muito do entendimento do contexto no qual a história está inserida. Os volumes literários que chegaram até nós hoje são uma pequena fração do que existiu na antiguidade. No decorrer do tempo, fontes literárias foram peneiradas por bibliotecários, governantes e líderes. Além do mais, a história antiga que chegou até a modernidade normalmente foi escrita por alguns membros de uma elite masculina em um contexto urbano, não representando apropriadamente a completa realidade passada (Connelly, 2007, p. 275). Essa dinâmica descrita acima, parece ser o que aconteceu com a ideia de prostituição sagrada na antiguidade.

A ideia que sacerdotisas serviam como prostitutas em templos de cultos pagãos gregos influenciou a interpretação dos seguintes textos paulinos, como 1 Timóteo 2:11-12: "A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. E não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o homem; esteja, porém, em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva" (1 Tm 2:11-13). E também 1 Coríntios 14:34-35:

> [...] que as mulheres se conservem caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas, como também a lei o determina. Se, porém, querem aprender alguma coisa, perguntem em casa ao seu próprio marido; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja (1Co 14:34-35).

Estes textos paulinos prescrevem o silêncio das mulheres e a sua submissão. O texto de 1 Coríntios foi enviado à comunidade cristã que vivia em Corinto, enquanto o texto de 1 Timóteo foi enviado à Timóteo enquanto trabalhava em Éfeso. Essas cidades

helenizadas cultuavam divindades femininas: Afrodite, em Corinto, e Artêmis, em Éfeso. Dentro do contexto de honra e vergonha, dinâmica que regia as interações sociais no mundo greco-romano do primeiro século, questiona-se: será que a fala feminina em público era algo vergonhoso, que desonrava a pessoa e sua família? Ou essas cidades helenizadas tinham alguma dinâmica social, hoje desconhecida, que teria motivado as falas de Paulo?

Alguns achados arqueológicos podem nos ajudar a ter uma perspectiva um pouco mais precisa sobre as mulheres no passado. Por exemplo, existem várias inscrições e textos de autores antigos que mencionam a fala de mulheres em público, mas devido à limitação de páginas, o presente estudo considerará apenas duas inscrições que nos informam mais sobre a fala de mulheres em público: Nummia Varia (CIL 9, 3429 = ILS 6110) e a de Junia Theodora (RP I COR 359).

INSCRIÇÕES

A inscrição de Nummia Varia é datada do ano 242 d.C. e foi encontrada numa pequena cidade do interior da Itália chamada Peltunium Vestinum. Nummia era uma mulher extremamente rica, pois fazia parte da classe senatorial, a mais alta classe do império romano. Para ser membro dessa classe era necessário possuir grande fortuna e influência. A inscrição não menciona se ela era ou não casada, o que aponta para seu prestígio independente de um marido. Em outras palavras, ou ela não era casada, ou possuía um status tão grande que não precisava mencionar o nome de seu marido (Helmerijk, 2004, p. 224). O texto diz:

> Desde que todos decretaram que Nummia Varia, uma mulher de posição *senatorial*, *sacerdotisa* de Vênus Félix, começou a agir com tanta afeição e boa vontade para conosco de acordo com seu costume de benevolência, assim como seus pais sempre fizeram, que ela deveria ser legitimamente e unanimemente feita *patrona* de nossa cidade na esperança de que, ao oferecer esta *honra*, que é a *honra* mais importante em nossa comunidade, a sua tão ilustre *excelência*, possamos ser cada vez mais renomados pela distinção de sua benignidade e em todos os aspectos estar seguros e protegidos. E em quaisquer assuntos que possam ser razoavelmente requeridos, que ela *intervenha com a autoridade* decorrente de sua dignidade e **nos** *mantenha seguros e protegidos*." (ênfase acrescentadas).

Nummia também era sacerdotisa, uma função pública de grande influência e notoriedade na sociedade. A inscrição relata que ela interveio pela cidade com autoridade. Para tal intervenção e autoridade era necessária fala pública. No entanto, os cidadãos não percebiam suas falas como algo vergonhoso, mas a consideravam merecedora de grande honra a ponto de ter sido feita a patrona da cidade.

Júnia Theodora foi uma mulher que viveu no primeiro século d.C. em Corinto. Portanto ela representa muito bem a realidade que o apóstolo Paulo presenciou na cidade quando a visitou. A inscrição também não menciona um marido, o que sugere que ela não era casada, ou que ela possuía uma reputação e status que dispensavam a conexão com o marido. Abaixo, a tradução da inscrição de Júnia Teodora.

> Decidido pelo [*koino*]n dos Lícios: enquanto Júnia Teodora, morando em Corinto, uma mulher nobre, boa e *benevolente para com a nossa nação, continuamente demonstra zelo em nome da nossa nação e munificência*, sendo disposta com simpatia tanto para com cada um dos Lícios individualmente quanto em conjunto para com todos; e ela *fez dentre as autoridades muitos amigos para a nossa nação, auxiliando em todos os assuntos que pertencem especialmente a todos os Lícios***;** foi decidido pelo *koinon* dos Lícios reconhecer e louvar Júnia Teodora, e enviar-lhe uma *coroa de ouro* quando ela se aproximar dos deuses; e nosso representante Sexto Júlio também terá a certeza de inscrever a seguinte inscrição: 'O *koinon* dos Lícios (dedica isto) a *Júnia Teodora, uma romana, mulher nobre, boa e benevolente para com a nossa nação* (ênfases acrescentadas).

Segundo essa inscrição, Júnia intercedeu pela cidade junto às autoridades, ação que sugere fala pública, bem como razoável influência. O nome dela foi citado em público em cinco cópias desta inscrição. Sua generosidade, fala pública e bondade se tornaram muito conhecidas. Perceba que sua fala e influência pública não eram vistas como desonra; muito pelo contrário, a cidade decidiu ofertá-la uma coroa de ouro, a mais alta honra que uma pessoa poderia receber (Hylen, 2019 p. 695). Se essas ações fossem vistas como vergonhosas, a cidade não a honraria com uma coroa.

Portanto, Nummia Varia e Júnia Theodora eram mulheres da aristocracia local que falavam publicamente e eram muito honradas. Essas ações públicas não eram vistas como vergonhosa. Quando é mencionado o sacerdócio de Júnia Theodora, é para enfatizar sua grande honra, o que não condiz prostituição.

O MITO DA PROSTITUIÇÃO SAGRADA

Além disso, há de se considerar que a ideia de que houve prostituição sagrada na antiguidade vem sendo academicamente discutida. Stephanie Lynn Budin (2008), no livro *The Myth of Sacred Prostitution in Antiquity* [*O Mito da Prostituição Sagrada na Antiguidade*], analisa a história da interpretação dos principais textos sobre prostituição sagrada na antiguidade. Sua proposta central é que não existiu. Seu trabalho é o mais profundo e permanece sendo o mais completo. Outros eruditos seguem essa posição, como Fant e Reddish (2003, p. 55), Murphy-O’Connor (1983, p. 56), Mc Ray (2003, p. 315), Connelly (2007, p. 19) e Bird (2019).

A fonte principal sobre prostituição sagrada da antiguidade é o historiador da antiguidade Estrabão (63 a.C.–24 d.C.). Um em cada quatro dos dados sobre esta prática vêm dele (Budin, 2008). A seguinte citação é a mais mencionada:

> O santuário de Afrodite em Corinto era tão rico que possuía mais de mil prostitutas (*hierodulos*), cortesãs, que homens e mulheres costumavam dedicar à deusa. A cidade era frequentada e enriquecida pelas multidões que ali recorriam por conta dessas mulheres. Mestres de navios desperdiçavam livremente todo o seu dinheiro, e assim o provérbio: "Nem para todo homem é a viagem a Corinto" (Estrabão, *Geografia* 8.6.20).

O autor Estrabão se baseia em grande parte em Heródoto. Alguns eruditos chegam a sugerir que no final das contas Heródoto seja a única fonte do conceito de prostituição sagrada (Bird, 2019 p. 105 e Oden, 1987 p. 146). Porém, Estrabão nem sempre informa ao leitor quando está citando Heródoto, o que gera um problema epistemológico.

Além do mais, a reputação de Heródoto como historiador não era das melhores: ele era visto pelos romanos como mentiroso. Dentre eles, Cícero (*De Legibus* I.5) relata se refere ao trabalho de Heródoto como cheio de fábulas. Josefo (Contra Apion 1.3) relata que Heródoto é atacado por todos, sem exceção. Plutarco, em um de seus escritos (*De Herodoti Mignitate*), acusou Heródoto de ter vieses deliberados e falsidade. Em relação à prostituição sagrada, Heródoto relata a prática em Babilônia. No entanto, ele mesmo nunca visitou a Babilônia. Ou seja, não foi testemunha ocular. Ele também não menciona a fonte para essa ideia.

Além disso, como historiador, Heródoto tende a descrever os fatos, não emitindo juízo moral mesmo sobre práticas horrendas como o canibalismo. Porém, ao tratar da prostituição sagrada em Babilônia, dá opinião. Por todas essas razões, é de se questionar

a confiabilidade de seu relato. Estrabão, por sua vez, visitou Babilônia, mas relata esta prática em passado mais remoto, não tendo sido testemunha ocular.

Também existe o problema de tradução. Os termos usados para prostituta/prostituição são muito difíceis de traduzir. Sua tradução foi feita usando os escritos em Grego de Heródoto, que não é confiável. Se tornando assim um ciclo vicioso de tradução problemática, que introduziu a ideia de prostituição sagrada como se fosse uma realidade histórica.

O que é traduzido como prostituição sagrada nos escritos de Estrabão é *hierodoule.* A tradução dessa palavra não é prostituta sagrada, mas se trata de um escravo (*hiero*) sagrado (*doule*), classe privilegiada, funcionário de culto protegido pelo rei e autoridades locais. Também pode se tratar de moradores de um território sagrado de propriedade do sumo sacerdote que eram protegidos de abusos e escravidão. *Hierodoule* também poderia ser uma pessoa que os senhores de escravos dedicavam a uma divindade, lhe dando um tipo de alforria. Todos *hierodoulos* eram protegidos por seus deuses.

Ademais, o templo de Afrodite em Corinto, de acordo com Estrabão tinha mais de 1000 prostitutas. Porém, o templo de Afrodite era uma estrutura pequena (10 por 15,8 m) no cume da Acrocorinto, não tinha espaço para abrigar tantas prostitutas (Blegen 1930, p. 20). O templo é bem distante do porto, sendo necessárias horas de caminhada para chegar nele. Dificilmente um viajante escalaria toda a montanha apenas em busca de sexo casual (McRay 2003, p. 315).

Em escavação próxima ao porto, os arqueólogos acharam uma estrutura que poderia ter sido um prostíbulo. No entanto, esta estrutura é próxima ao porto e consequentemente longe do templo de Afrodite, não existindo indícios de que essa estrutura estivesse relacionada ao templo.

Corinto era uma cidade que controlava dois portos grandes conectando a Ásia com a Europa. Grandes cidades portuárias são conhecidas pelo grande número de prostitutas prestando serviço aos marinheiros e viajantes. As ruínas juntamente com uma análise cuidadosa das evidências literárias sugerem que as duas atividades, sacerdócio e prostituição, não estão conectadas.

Assim como Corinto, Éfeso também era uma grande cidade portuária, que como tal tinha grande oferta de serviços de prostitutas. No entanto, em Éfeso também não foi

encontrada nenhuma evidência de prostituição sagrada. Tal ideia vem de traduções tendenciosas e interpretações distorcidas de relatos históricos.

Baseada em evidências epigráficas, Connelly (2007) descreve as sacerdotisas dos cultos gregos da seguinte forma: (1) Possuíam uma liderança religiosa, social, política e econômica, servindo os templos também como instituições financeiras; (2) Elas discursavam perante assembleias, lacravam documentos oficiais, tinham assentos reservados na frente dos teatros; (3) Em sua grande parte, eram casadas. A fidelidade conjugal era um dos requisitos dos templos de maior prestígio no mundo greco-romano, como o templo de Atena em Atenas; (4) Sacerdotisas eram escolhidas entre as famílias de maior prestígio da cidade; status social e riqueza eram pré-requisitos para o sacerdócio; (5) O cargo de sacerdotisa normalmente era hereditário. Portanto, as sacerdotisas eram mulheres que se casavam e constituíam famílias. Essas características do sacerdócio feminino nos cultos gregos não são compatíveis com a ideia de prostituição sagrada.

Nos cultos gregos homens serviam como sacerdotes aos deuses masculinos e mulheres serviam como sacerdotisas às divindades femininas. A igualdade de status e hierarquia entre o sacerdócio feminino e masculino é surpreendente para o leitor moderno (Price, 2004 p. 302-303). Portanto, nos cultos de divindades femininas como Afrodite em Corinto e Artemis em Éfeso mulheres lideravam os templos destes cultos.

Além disso, na antiguidade não havia a separação entre religião e estado (Parker, 2004, p. 571). Esta separação se deu, em grande parte, após a Reforma Protestante. Na antiguidade, os assuntos dos cultos faziam parte das discussões das assembleias das cidades, eram os primeiros assuntos a serem tratados em tais reuniões. Os rituais deveriam acontecer, serem bem executados, e os deuses agradados para a segurança e bem-estar da cidade e seus habitantes. A liderança do templo também envolvia uma faceta civil.

Os templos não eram apenas instituições religiosas como os de hoje no mundo ocidental. Os templos eram também instituições financeiras, como cofres (Stevens, 2006, p. 136-162). Seus sacerdotes, ou sacerdotisas, também exerciam uma liderança financeira. Portanto, a liderança dos cultos compreendia aspectos religiosos, civis e financeiros. Assim, é possível sugerir que as sacerdotisas dos templos nestas cidades tinham amplo poder, com influência que extravasava os muros do templo. Tais mulheres

eram muito respeitadas pelos demais habitantes das cidades e além, como é o caso de Éfeso, onde "toda a Ásia e o mundo" adoram a Ártemis (Atos 19:27).

Esse alto status das sacerdotisas gregas provavelmente influenciou a percepção feminina de toda sociedade. Segundo essa perspectiva, quando Paulo fala para as mulheres ficarem em silêncio, ele provavelmente está lidando com mulheres conversas do paganismo, talvez até algumas mulheres que eram sacerdotisas pagãs no passado. As mulheres dessas cidades estavam acostumadas a liderar e se consideravam superiores aos homens. Porém, quando convertidas, elas foram apresentadas a um novo paradigma de mutualidade entre homem e mulher segundo Gênesis 2. Paulo usa essa passagem em 1 Timóteo 2:13 para explicar sua recomendação de silêncio e submissão.

Paulo escreveu para Timóteo que estava em Éfeso, onde havia um templo dedicado a Artêmis, que era liderado por mulheres (cf. At 19:23-30). Provavelmente essas mulheres exerciam uma grande influência na cidade e na autopercepção de todas as demais mulheres. Esse papel proeminente das mulheres em Éfeso pode ter levado a uma percepção errônea de superioridade feminina naquela cidade. Portanto, Paulo provavelmente estaria lidando contra um tipo de "feminismo" presente nessas cidades no primeiro século quando pede o silêncio e humildade das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz dos argumentos expostos acima, é possível sugerir que as passagens paulinas sobre o silêncio e submissão feminina não devem ser interpretadas baseadas na ideia da aversão à prostituição sagrada pois essa prática não existiu na antiguidade nas cidades de Éfeso e Corinto. Essas passagens das cartas paulinas que proíbem a fala feminina também não devem ser interpretadas à luz da ideia de que era vergonhoso para mulheres falarem em público. Conforme as inscrições analisadas acima, mulheres falavam em público e sua fala não era vista como algo desonroso.

Nas cidades helenizadas mulheres normalmente tinham uma autopercepção como superiores aos homens devido à influência das sacerdotisas dos cultos pagãos às divindades femininas. Os templos dessas divindades dominavam tanto a cidade de Corinto como a de Éfeso. O templo dominava a cidade e a sacerdotisa dominava o templo, conferindo muito poder a estas mulheres. Esta dinâmica influenciava ainda mais a percepção da superioridade feminina.

Portanto, devido ao fato de estarem acostumadas a liderarem rituais religiosos pagãos e terem uma ampla liderança na comunidade, é possível sugerir que quando as mulheres se converteram ao cristianismo, tinham a expectativa de continuar liderando as comunidades cristãs mesmo antes de estarem devidamente preparadas intelectualmente para a liderança religiosa nas comunidades cristãs. Este seria o contexto das proibições de Paulo da fala feminina nas igrejas cristãs.

REFERÊNCIAS

BLEGEN, C. W., STILLWELL, R., BROONER, O., and BELLINGER, A. R. **Acrocorinth***:* Excavations in 1926*.* Cambridge: Harvard University Press e The American School of Classical Studies at Athens, 1930.

BIRD, Phyllis A. **Harlot or holy woman?** A study of Hebrew *qedešah*. University Park: Penn State Press, 2019.

BUDIN, S. L. **The Myth of Sacred Prostitution in Antiquity***.* Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

CONNELLY, J. B. **Portrait of a Priestess**: Women and Ritual in Ancient Greece*.* Princeton: Princeton University Press, 2007.

FANT, C. E., e REDDISH, M. G. **A Guide to Biblical Sites in Greece and Turkey***.* Oxford: Oxford University Press, 2003.

HEMELRIJK, Emily A. City patronesses in the Roman Empire. **Historia**: Zeitschrift für Alte Geschichte*,* n. 52, n. 2, p. 209-245, 2004. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/4436724. Acesso em: 20 set. 2026.

HYLEN, Susan E. Women *διάκονοι* and Gendered Norms of Leadership. **Journal of Biblical Literature**, v. 138, n. 3, p. 687-702, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.15699/jbl.1383.2019.670353. Acesso em: 20 set. 2026.

MCRAY, J. **Archaeology and the New Testament***.* Grand Rapids: Baker, 2003.

MURPHY-O'CONNOR, J. **St. Paul's Corinth**: Text and Archaeology. Wilmington: Michael Glazier, 1983.

ODEN, R. A. Religious Identity and the Sacred Prostitution Accusation. *In*: **The Bible without theology**: the theological tradition and alternatives to it*.* University of Illinois Press, 1987. p. 131-153.

PARKER, R. Controlling Religion: Greece. *In*: **Religions of the Ancient World**, ed. S. I. Johnston. Cambridge: Harvard University Press, 2004. p. 570-72.

PRICE, S. R. Religious Personnel: Greece. *In*: JOHNSTON, S. I (org.). **Religions of the ancient world**: A guide. Cambridge, Massachusetts e London. Harvard University Press, 2004. p. 288-310.

STEVENS, M. E. (2006). **Temples, Tithes, and Taxes:** The Temple and the Economic Life of Ancient Israel. United States, Baker Publishing Group. P. 137-162.